



A freada no ABC

Os municípios da região sofrem mais que a média com a crise devido à sua grande dependência da atividade do setor automotivo **Adriana Farias**

Fundado em 1956, o Florestal Demarchi é uma das principais paradas da tradicional rota do frango com polenta de São Bernardo do Campo. Em um fim de semana de movimento normal, cerca de 2.500 pessoas passam pelo estabelecimento. Do início do ano para cá, no entanto, o salão de 2.000 metros quadrados do restaurante tem registrado grandes vazios. De acordo com cálculos

de um dos sócios, Edson Demarchi, o movimento caiu 30% no período. “As famílias estão reduzindo os gastos e saindo menos para comer”, lamenta o empresário. O cardápio de emergência adotado na casa para enfrentar os tempos bichudos inclui promoções pontuais, com descontos que podem chegar a 25% para casais e a multiplicação de ofertas de reservas em sites de compras

coletivas. O esforço envolve também ajustes no quadro de funcionários. “Cinco deles pediram demissão nos últimos meses, e não vamos repor as vagas”, conta Demarchi, que comanda atualmente uma brigada de setenta empregados. A distribuição de bônus salarial por desempenho do negócio, comum até o início de 2014, foi substituída por folgas remuneradas.

Edson Demarchi, do restaurante Florestal: queda de 30% no movimento



NILTON FUKUDA/ESTADÃO CONTEÚDO

O pátio lotado da Volkswagen (acima) e o acampamento de trabalhadores em junho na porta da Mercedes-Benz em protesto contra demissões na montadora: a redução na venda de veículos no país impacta diretamente a área responsável por grande parte da produção nacional de carros



ROBERTO PARIZOTTI/SMAGC

FERNANDO MORAES

A história do Florestal é um exemplo dos efeitos da atual crise sobre a região do ABC paulista. A situação é ainda mais delicada por ali devido à dependência econômica em relação à indústria automotiva. De acordo com a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), ela responde por cerca de 12% dos postos de trabalho locais. As montadoras vivem um dos momentos mais difíceis dos últimos anos. No primeiro semestre de 2015, por exemplo, as vendas de veículos caíram 21% no país, segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). De São Bernardo e dos municípios vizinhos saem 16% da produção nacional de carros e 52% dos caminhões fabricados no Brasil.

Em junho, um grupo de manifestantes montou acampamento durante 26 dias em frente à Mercedes-Benz, em São Bernardo, para protestar contra a demissão de 500 operários. No dia 31 de julho, a companhia anunciou que 7000 empregados, o equivalente a 70% de sua força de trabalho nessa unidade, vão entrar em período de licença remunerada. Até agora, as montadoras do ABC demitiram mais de 20000 pessoas. Entre junho de 2014 e junho de 2015, a região registrou o fechamento de postos de trabalho em um ritmo quase oito vezes maior que o de São Paulo. O metalúrgico Douglas Fuzetti, de 51 anos, não perdeu o emprego na General Motors, mas teve seu contrato suspenso temporariamente em novembro do ano passado, o chamado *lay-off* (uma parte do

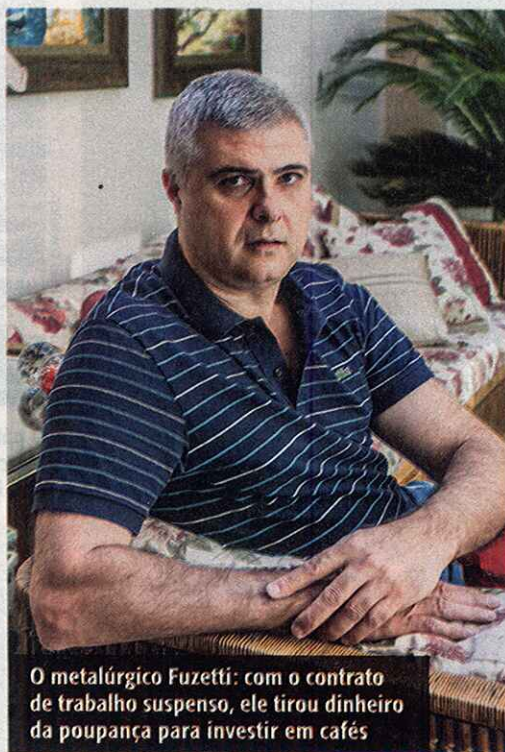
salário é paga pela montadora e a outra pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador). “Você fica agoniado com a situação; o jeito é pensar em alternativas”, afirma. Ele tirou dinheiro da poupança da família para investir em cafés.

Os problemas estão se alastrando rapidamente para outros setores da economia da região, como o varejista e o imobiliário. A comerciante Leiliane Gomes, do Vestidos Sal e Pimenta, amargou a redução de 40% no movimento em 2014. O estabelecimento, especializado em roupas femininas, fica na Galeria Z, no centro de São Bernardo. “Das doze lojas daqui, quatro fecharam”, afirma. Em Santo André, a queda de 50% no movimento de frequentadores do Shopping ABC no início do ano motivou o fecha-

Henrique Carvalho: desconto no aluguel para manter a ocupação do shopping



FOTOS MARIO RODRIGUES



O metalúrgico Fuzetti: com o contrato de trabalho suspenso, ele tirou dinheiro da poupança para investir em cafés

mento do restaurante Hooters, em fevereiro. “Eu me sentia trabalhando à toa sem ter quem receber”, diz a gerente Luisa Costa. “Quando o negócio foi aberto, em julho de 2013, o movimento estava muito bom. Mas no começo de 2015 já estávamos atendendo um número 80% menor de fregueses”, conta. A unidade foi transferida para o bairro do Jardim Paulista, em São Paulo. No Grand Plaza Shopping, o impacto foi mais sentido nos setores de eletroeletrônicos e vestuário. “Para manter a taxa de ocupação e evitar a saída de condôminos, negociamos descontos temporários no preço dos aluguéis”, diz Henrique Carvalho, superintendente-geral de shopping centers da CCP, grupo que administra a rede. Segundo lojistas do empreendimento, a redução da despesa mensal chega a 10% em alguns casos.

Em São Bernardo, na Avenida Brigadeiro Faria Lima, tradicional ponto de venda de carros, ao menos seis lojas fecharam desde o início do ano. “No próximo mês, vou ter de enxugar a equipe”, lamenta Ronaldo Moreti, dono do Club Car. “Se isso não resolver, só me restará baixar as portas.” Ele não é o único com esse tipo de problema. Nas concessioná-

Cenário difícil

Alguns indicadores do impacto da crise nos municípios do ABC

181 000

Total de desempregados, o equivalente a 13% da população economicamente ativa

23 000

Postos eliminados só no setor automotivo entre junho de 2014 e junho de 2015

15%

Queda nas vendas das concessionárias de veículos em abril de 2015, em comparação com as do mesmo período do ano passado

5,09%

Retração do PIB do ABC em 2014, segundo o Observatório Econômico da Universidade Metodista

* Fontes: Seade/Dieese, Observatório Econômico da Universidade Metodista e FecomercioSP

rias do ABC, houve em abril uma redução de 15% nos negócios em relação ao mesmo período do ano passado.

No mercado imobiliário, os lançamentos caíram 5,3% e as vendas diminuíram 10% no primeiro semestre, segundo a Associação dos Construtores, Imobiliárias e Administradoras do Grande ABC. “O sentimento é de insegurança por parte do comprador. Ele tem medo de perder o emprego e desiste de adquirir uma propriedade”, afirma Milton Bigucci, presidente da entidade.

Com os juros altos, o custo do financiamento de bens aumentou e o setor bancário ficou mais restritivo na aprovação de crédito. “O consumidor não compra, o varejo não vende e a indústria não produz”, resume o economista Guilherme Dietze, da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (FecomercioSP). A situação anda tão preocupante que a Associação Comercial de Santo André convocou um protesto para esta quarta (12). Batizado de Reage ABC, o evento ocorrerá nas ruas da cidade para chamar atenção para esses problemas. Até a semana passada, 300 empresários haviam confirmado presença. ■